



Sabia que...
Os portugueses inventaram a pré-fabricação de edifícios de pedra?

Diário de Notícias

www.dn.pt

SÁBADO, 12 de Novembro de 2011. Ano 147.º N.º 52 081. 1,50€

Director JOÃO MARCELINO Directora Adjunta FILOMENA MARTINS Subdirectores LEONÍDIO PAULO FERREIRA, NUNO SARAIVA E PEDRO TADEU

FOMOS MEDIR A INFLUÊNCIA
E O PODER DA MAÇONARIA

Mais de 80 maçons em cargos influentes na política e economia

Poder. Miguel Relvas, um dos ministros mais influentes, Carlos Zorrinho, líder da bancada do PS, autarcas como Moita Flores ou Isaltino Morais, ex-ministros como Rui Pereira, ex-presidentes da AR como Almeida Santos, empresários como Jorge Coelho, deputados e muitas personalidades da sociedade fazem parte desta organização semi-secreta. As figuras, a história, os valores, as cerimónias e as polémicas



GRANDE INVESTIGAÇÃO
PÁGS. 4 A 17

'Face Oculta'

Procurador Pinto Monteiro ameaça investigadores do processo
POLÍTICA PÁG. 22

Orçamento

PSD quer compromisso de Cavaco com contas para 2012
POLÍTICA PÁGS. 20 E 21

Multas

Um quarto acaba no lixo - uma perda de 20 milhões para o Estado
DINHEIRO VIVO

Timor-Leste

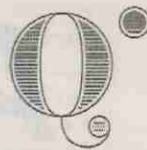
Massacre no Cemitério de Santa Cruz aconteceu há 20 anos
GLOBO PÁG. 35

Diabetes afasta 23 mil pessoas do trabalho

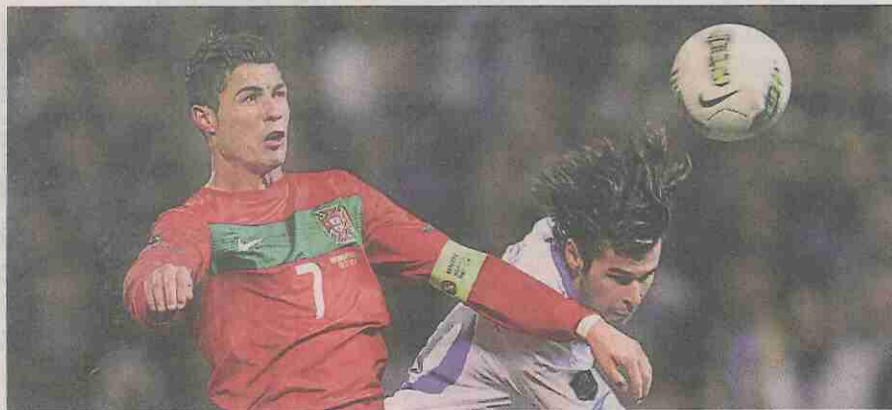
ESTUDO Doença afecta um milhão e implica gastos anuais de 958 milhões de euros. Cegueira já acarreta 27% dos anos de vida com pior qualidade entre doentes. PAÍS PÁG. 25



Como a dívida de uns é a desgraça de outros



OS REIS EXILADOS NO PORTUGAL DE SALAZAR



ANTÓNIO M. SIMÕES / GLOBAL IMAGENS

BÓSNIA 0-0 PORTUGAL

Seleção sobreviveu ao 'inferno' de Zenica e pode resolver na Luz

EURO 2012 Com um excelente Pepe a dar o mote, Portugal resistiu ao péssimo relvado e Ronaldo aos raios laser que o perseguiram na Bósnia. Empate deixa tudo para decidir na Luz, terça-feira, na segunda mão do play-off. SPORT PÁGS. 38 A 41

ESTE SÁBADO
JACKPOT
€6.300.000*



PUB



AS RAÍZES DA MAÇONARIA EM PORTUGAL

A maçonaria e as suspeitas



JOÃO MARCELINO
Director

Falar em maçonaria é convocar a polémica, suscitar a discussão acerca das motivações de uma organização semi-secreta na sociedade livre e democrática em que hoje vivemos e que este movimento, aliás, sempre teve como objectivo teórico ajudar a criar – o que historicamente se comprova com a liderança das revoluções francesa e norte-americana.

A maçonaria pretende assumir-se como um espaço de permanente requalificação do indivíduo, de desenvolvimento espiritual do homem, em prol de uma sociedade tolerante, universalmente fraterna.

E, no entanto, vista de fora, cresce a suspeita.

Há quem defenda que uma importante parte da maçonaria terá traído os seus ideais, os princípios e os valores da fundação e que comportará hoje muita gente, mais jovem, sobretudo interessada na promoção de lógicas de poder pessoal.

Ao homem justo, crente em Deus e nos valores da família, livre pensador, indivíduo de estatura moral elevada e motor de uma sociedade que poderá estar a suceder o homem que quer subir na vida mais depressa e sem problemas independentemente dos seus méritos.

Na visão mais conspirativa, as “lojas” ter-se-iam, assim, transformado em centrais de tráfico de influências, e os “irmãos” seriam agora sobretudo cúmplices capazes de subverterem os mais elementares princípios de justiça – e de utilizarem a régua, o compasso e o esquadro originais dos pedreiros para construir uma moderna vida de bem-estar e exercerem um geométrico poder em benefício próprio numa teia de interesses transversal a quase todos os partidos políticos.

Este é o pano de fundo para esta viagem que o *Diário de Notícias* decidiu promover ao interior da maçonaria portuguesa, dividida nos seus braços “regular” e “irregular”. Procurámos, como nos trabalhos anteriores, ser substantivos e factuais. Na dúvida, eliminámos referências. No final, ficámos com a certeza de que há ainda muita gente que foge do estatuto de maçom que efectivamente é o seu. A organização mantém um carácter semi-secreto catalisador da suspeita externa, porque, como no passado, continua a ligar pessoas de partidos e credos diferentes tanto quanto de empresas comuns.

Não temos uma tese para assumir; temos informação para publicar e alguns pontos de reflexão para deixar à consideração dos leitores.

Serão cerca de quatro mil os maçons portugueses, divididos entre as duas principais obediências nacionais, GOL e GLLP. Estão em Portugal há mais de 200 anos e defendem valores maçónicos nobres: igualdade, liberdade, fraternidade e tolerância. Mas têm também a obrigação de ajudar os ‘irmãos’. E é esta espécie de nepotismo que lhes vale as maiores críticas: entraram para os sectores mais importantes do País (política, economia, justiça), no qual, além do poder, moverão influências e protecções. O secretismo em que insistem reforça o seu lado mais oculto. Fomos saber quem são, o que fazem e que poder têm



HÉLDER OLIVEIRA

- **A presença da maçonaria na política: Parlamento, Governo, oposição e autarquias** (págs. 4-7)
- **As 80 figuras maçons com mais influência na política e nas outras áreas da sociedade portuguesa, da economia à justiça** (págs. 8-9 e 14-15)
- **A história da maçonaria em Portugal, os valores, as obediências, as lojas, os graus e as figuras históricas** (págs. 10-11)
- **As ligações de Portugal à maçonaria internacional, as cerimónias, os símbolos, os rituais e os sinais secretos** (págs. 12-13)
- **A teia de ligações e interesses empresariais, políticos e económicos** (págs. 14-17)

Maçonaria ganha força no Parlamento, Governo e oposição



Poder. 50 'irmãos' estão em importantes cargos políticos, 30 em posições de relevo na economia e sociedade. Muitos falam na sua influência: o último foi Alberto João Jardim, que alertou para o poder das sociedades secretas. Apesar do fracasso da não eleição do maçom Fernando Nobre para a presidência da AR, o líder da bancada do PS e o estratega do Governo, Miguel Relvas, são maçons. Uma irmandade só de valores?

RUI PEDRO ANTUNES

Com os aventais dentro das pastas ou de simples sacos de papel, dezenas de maçons tomaram os paralelos das ruas do lisboeta Bairro Alto até atingirem o seu destino: o número 25 da Rua do Grémio Lusitano. O sábado, 24 de Setembro, que se seguiu ao equinócio de Outono foi a data escolhida pela Grande Dieta – o Parlamento do Grande Oriente Lusitano (GOL) – para dar posse ao seu novo grão-mestre, Fernando Lima, administrador da Galilei, antiga SLN. Pela primeira vez em dez anos, o representante de todas as lojas maçónicas do GOL não é uma figura política, pertence ao mundo empresarial. Isso não significa, porém, que a maçonaria se esteja a desinteressar de uma área tão influente como o é a da política. Muito pelo contrário.

A recente eleição do socialista Carlos Zorinho para líder parlamentar da maior bancada da oposição e a importância de Miguel Relvas no Governo de coligação PSD/CDS – em que assume o papel de ministro dos Assuntos Parlamentares e braço-direito do primeiro-ministro – mostram o peso dos maçons na política. Mas há mais. Só em 2011 (com dois Governos) já se sentaram na As-

sembleia pelo menos dez deputados maçons.

Na nova composição parlamentar – eleita há pouco mais de cinco meses –, a “bancada” da maçonaria continua bem composta, com, pelo menos, oito elementos – o mesmo número de deputados do Bloco de Esquerda. E é ultrapassada se a conta for feita aos maçons que passaram por São Bento só este ano. Isto porque José Magalhães (PS) teve assento na AR até 19 de Junho e Fernando Nobre (cabeça de lista em Lisboa pelo PSD) fez igualmente uma curta incursão no hemiciclo no início da legislatura. Apesar do esforço dos grãos-mestres para abrir a maçonaria à sociedade, ainda há muita relutância entre os seus membros em assumir publicamente que são maçons. Por isso, são os próprios a dizer que o número de “irmãos” é muito superior aos aqui mencionados. Na política, na economia, nas autarquias, nas áreas sociais, jornalismo incluído... O DN contabilizou mais de meia centena de figuras políticas influentes com ligações à maçonaria, que incluem membros do Governo e autarcas em exercício (págs. 6 e 7) e mais três dezenas noutras áreas fundamentais (justiça, saúde, economia) (págs. 15 a 17). Ou seja, mais de 80 em cargos influentes, ou com poder de influenciar.

AS RAÍZES
DA MAÇONARIA

gi
grande
investigação
DN

OS 'IRMÃOS' AUTARCAS

Os maçons estão igualmente bem representados no poder local. A Câmara de Santarém é dirigida pelo maçom do GOL Francisco Moita Flores, que garantiu ao DN não existir nenhum grupo de autarcas maçons.

"Falo tanto com os que são como com os que não são." Há 30 anos na maçonaria, Moita Flores já chegou a sair para a GLLP, mas regressou ao GOL e defende que a organização "deve ter uma intervenção pública maior".

Mas o número peca claramente por defeito: os nomes que aqui surgem foram triplamente confirmados por fontes, mesmo quando contactados não respondam, ou nem sequer atendam. Alguns (poucos) assumem eles próprios a sua condição. Muitos limitam-se a dizer o tradicional "não comento" ou "não falo de assuntos privados". E a grande, grande maioria dos nomes são apenas sussurrados e impossíveis de divulgar por falta de confirmação.

Comecem pelo Parlamento. Um dos deputados estreados do PS, Rui Paulo Figueiredo, pertence à Loja Mercúrio – uma das mais influentes da Grande Loja Regular Legal de Portugal/GLRP (GLLP) – que é uma das duas maiores obediências maçónicas do País (a outra é o GOL). Este ex-assessor de José Sócrates é actualmente vice-grão-mestre da GLLP, obediência liderada por José Moreno, que, por sua vez, já foi assessor de Manuela Ferreira Leite, ex-presidente do PSD. As ligações parecem confusas, mas são mesmo assim: uma teia intrincada, maçónica. É que a loja de Rui Paulo Figueiredo – também presidente do Conselho Fiscal da bancada socialista – é a mesma de Isaltino Morais, o autarca afastado do PSD devido aos processos judiciais. Figura mediática, o autarca de Oeiras não passa despercebido aos comerciantes das redondezas da Rua João Saraiva, em Alvalade, que várias vezes o viram entrar para o n.º 34, sede da obediência.

São estas ligações que levam os "profanos" (não maçons) a olhar para a maçonaria como uma sociedade secreta, que mexe os cordelinhos pelos seus. Ideia que um alto dirigente do Grande Oriente Lusitano (membro da Grande Dieta, o Parlamento maçónico) recusa. Embora assumia que "existem conspirações" no seio das lojas, "tal como existem em diversas áreas da sociedade". Depois, há casos que parecem fugir à lógica partidária: o socialista Rui Paulo Figueiredo é vice-grão-mestre da GLLP, embora o PS esteja conotado com a outra grande obediência, o GOL.

São, aliás, vários os deputados socialistas que pertencem (ou pertenceram) à obediência que tem sede no Bairro Alto. Desde logo João Soares, que, ao contrário do pai (Mário Soares chegou a ser iniciado numa loja francesa durante o asilo em terras gaulesas, mas nunca pertenceu à obediência portuguesa), aderiu ao GOL em 1974.

João Soares pertence à Loja Simpatia e União – onde tem o nome simbólico do humanista Thomas More – e explicou ao DN que é maçom "mais pelos valores". Pela utopia. "Nunca tive especial atracção pelos aventalinhos", confessa o socialista, que considera que "a maçonaria não tem poder no Parlamento". Mas, por outro lado, admite que por vezes é abordado pelos seus pares. "Já vieram dois ou três maçons do PSD ter comigo e dizer: 'Olhe, também sou do GOL'", conta, lamentando não poder participar tanto nas actividades da sua loja como desejaria.

Foi também do GOL que o deputado do PS Vitalino Canas foi expulso, segundo explicou um membro da Dieta ao DN, "por não pagar as quotas". O antigo porta-voz socialista pertencia à poderosa Loja Convergência, que contou com outras figuras do PS, como o agora "maçom adormecido" António Vitorino



Símbolos e ritual da franco-maçonaria (GOL): os famosos aventais, as colunas e o piso axadrezado, todos eles símbolos maçónicos que representam os diversos valores da maçonaria



– expulso no mesmo processo que Vitalino – e o ex-ministro da Administração Interna de José Sócrates, Rui Pereira, que entretanto criou a Loja Nunes de Almeida.

Durante o guterrismo, a Convergência chegou a ser chamada de "o Gabinete", pela alegada influência que tinha no Governo PS. "Havia a ideia de que tinha de haver uma teoria da compensação por Guterres ser católico, mas isso é falso", explica um membro do GOL ao DN. Curioso é que foi um maçom – que mais tarde seria grão-mestre do GOL – que filiou António Guterres no PS: António Reis, também ele ex-deputado.

Na actual bancada socialista são igualmente maçons o ex-ministro dos Assuntos Parlamentares de José Sócrates, Jorge Lacão, o dirigente da área de Lisboa Miguel Coelho, e o deputado João Portugal, que – ao contrário da maioria dos maçons socialistas – pertence à GLLP. Com a liderança de António José Seguro – que garantiu ao DN não ser maçom – houve até um "irmão" que subiu na hierarquia parlamentar. O ex-secretário de Estado Carlos Zorrinho, eleito líder da bancada do PS há um mês, foi iniciado no GOL há quatro anos. Mas "a influência do GOL no

Parlamento é muito maior do que o número de elementos que temos", admite um "irmão" do GOL.

A maçonaria é na sua génese suprapartidária, não escolhe esquerda ou direita. Os grão-mestres das duas maiores organizações maçónicas do País, Fernando Lima (GOL) e José Moreno (GLLP), partilham a ideia de que os maçons "não se devem envolver em guerrilhas partidárias" e recordam que existem nas suas obediências "dirigentes de quase todos os partidos".

Na poderosa Loja Universalis – que pertence ao GOL – também é possível encontrar "misturas" partidárias. Por exemplo, José de Almeida Ribeiro, um dos braços-direitos de José Sócrates e membro do seu gabinete durante os dois mandatos, pertence à mesma loja que o grande estratega e ministro de Pedro Passos Coelho, Miguel Relvas. Tal como o ex-ministro do PSD (do núcleo de Santana Lopes) e dirigente benfiquista Rui Gomes da Silva.

Na maioria e no Governo

E se a bancada parlamentar do PS é liderada por um maçom, na do PSD sentam-se igualmente alguns "irmãos", como o deputado

Emídio Guerreiro, cujo tio-avô – fundador do PSD – foi um dos mais distintos maçons portugueses. Emídio Guerreiro mostrou-se zangado por o seu nome ser indicado, disparando um "não confirmo, nem desminto".

Já o vice-presidente da bancada laranja, Carlos Abreu Amorim, apontado diversas vezes como maçom, afirma que tal é "calunioso". Garante até que "gostava que fosse aprovada uma lei em que quem está num cargo público de decisão, seja juiz ou político, fosse obrigado a declarar no registo de interesses se pertence à maçonaria ou ao Opus Dei." E acrescenta: "O secretismo destas organizações tem algo de nocivo."

No Governo, Miguel Relvas é o mais mediático maçom. O gabinete do ministro dos Assuntos Parlamentares diz que Relvas não fala sobre este assunto e remete para anteriores declarações suas em que disse apenas: "A maçonaria não manda no Governo." O ministro, nascido em Tomar, Cidade dos Templários, que terá favorecido a sua iniciação maçónica, disse ainda, num trabalho da revista NS' de 30 de Abril (publicada na altura com o DN e o JN): "Os valores da maçonaria ou de uma confissão religiosa."

O secretário de Estado da Segurança So-

"Há sempre uma quota da maçonaria na AR", diz o ex-deputado, Henrique Neto

OEIRAS COM ISALTINO

Isaltino Morais é um conhecido membro da Loja Mercúrio, além de ser presidente da Câmara de Oeiras. A oposição na cidade chegou a ser feita por um "irmão" da GLLP, Emanuel Martins, ex-líder do PS local que – segundo chegou a noticiar a revista *Sábado* – fazia uma oposição virtual a Isaltino.

PRESENÇA NAS FREGUESIAS

A nível das freguesias existem igualmente diversos maçons. Desde logo, o presidente da maior freguesia de Lisboa. O maçom José Manuel Rosa do Egípto lidera Santa Maria dos Olivais, sendo igualmente membro da Mesa do Conselho Geral da Associação Nacional de Freguesias.

Há até presidentes de junta que lideram organizações com ligações à maçonaria. Fernando Góis Moço acumula o cargo de presidente da Junta de Freguesia de São Julião, na Figueira da Foz, com a presidência da Associação 24 de Agosto, data da Revolução Liberal do Porto, que contou com o maçom Manuel Fernandes Tomaz.



tência, pelas convicções e pelo trabalho bem feito, tudo isto conta menos do que pertencer a esses grupos.”

Uma derrota da maçonaria

Um dos últimos casos em que se falou da maçonaria no Parlamento aconteceu há cerca de cinco meses, no início da legislatura, quando Fernando Nobre falhou a corrida à Presidência da Assembleia da República. Ao que o DN apurou, terá havido pressões nalgumas lojas para que os deputados socialistas do GOL votassem no “irmão” Nobre, proposto pelo PSD. Como o voto era secreto, a solidariedade maçónica podia impor-se à disciplina de voto partidária.

O que é certo é que os resultados ditaram o contrário: venceu a política e não a aliança maçónica. António Reis, grão-mestre do GOL nessa altura, humilde maçom que não houve pressão nenhuma da maçonaria nesse sentido. Isso são decisões que ficam à consciência de cada um. A obediência não dá indicações de voto nem faz campanha pelos candidatos. Com Fernando Nobre derrotado, foi eleita para segunda figura da Nação Assunção Esteves, ex-mulher de um conhecido maçom do GOL, o socialista José Lamago. Não faltaram, portanto, mais teorias da conspiração. “A maçonaria está em todo o lado”, dizem os críticos. Já os maçons contrapõem: “Não funciona como nenhuma máfia ou polvo.”

António Reis conta que quando foi deputado votou “várias vezes em sentido contrário ao de irmãos de outras bancadas”. Porém, admite que “os valores da maçonaria se sobrepõem a valores meramente partidários”. Daí que, enquanto membro da AR, tenha tido sempre a certeza de que, “se estivessem em jogo questões essenciais [para a defesa dos valores maçónicos]”, os “irmãos” “votariam da mesma maneira”. Admitindo que há maçons que são “favorecidos” por serem “irmãos”, António Reis lembra que na mesma medida existem “irmãos prejudicados” por pertencerem à organização. “Existem naturalmente duas situações.” Sobre a influência da maçonaria nos governos – e comentando os mandatos do católico António Guterres –, o grão-mestre diz que nesse tempo “até acontecia o contrário: havia críticas de maçons pelo facto de haver poucos irmãos no Governo”.

Nas eleições presidenciais de Janeiro, Fernando Nobre já tinha protagonizado um episódio de solidariedade maçónica. Os “irmãos” do GOL fizeram um pacto de não agressão à candidatura do presidente da AMI à Presidência da República. Ou seja, “mesmo que não o apoiassem, não o hostilizavam publicamente”, revelam ao DN. O mesmo já teria acontecido na candidatura de Mário Soares a Belém em 2006.

Nos partidos com representação parlamentar, apenas um foge à regra. “O PCP continua a resistir”, brinca um membro da Grande Dieta. Justificação? “Os ideais defendidos pelo partido e o Comité Central, que sempre desconfiou da maçonaria.”

Mas não precisam de ser maioritários para exercerem a sua influência. É factual que ocupam cargos de destaque na sociedade. António Arnaut, ex-grão-mestre do GOL, escreveu um dia: “Onde está um maçom, está a maçonaria.”

“Brasileira?! Não, tem muita gente!”

Era pela Baixa de Lisboa, a poucas centenas de metros do Palácio Maçónico, que passeava um dirigente do GOL quando foi surpreendido pelo telefonema do DN. “Quer falar comigo sobre a maçonaria? Com todo o gosto. Venha ter comigo.” O primeiro local proposto para o encontro foi A Brasileira, onde está sempre um maçom sentado (Fernando Nobre). O local não agradou, porém, ao maçom: “A Brasileira? Não. Tem muita gente. É melhor irmos para um sítio mais calmo.” Este episódio passou-se com o primeiro maçom contactado pelo DN e mostra como os “irmãos” primam pela discrição. Muitos aceitaram falar para o trabalho, mas sem dar a cara e quase sempre em lugares pouco movimentados.

Foram também contactados “inimigos” da maçonaria (em *off* são muitos mais do que aqueles que dão a cara), o que fez com que chovessem nomes de “irmãos”, teorias conspirativas e manobras ocultas. Houve aspectos que se confirmaram, outros nem por isso.

Ao longo destes dois meses, quando confrontados sobre a pertinência à maçonaria, a grande maioria dos mais de 200 “irmãos” contactados reagiu dizendo “sou maçom, mas não quero falar sobre isso e não falo em *on*”. Houve quem se indignasse por se indagar se mentira a condição de maçom. E houve ainda quem alegremente tenha dito: “Não lhe digo se sou maçom, mas esteja descansado que eu não o vou desmentir...”

Como mandam as boas práticas jornalísticas, houve tentativa de contactar todos os nomes referidos nestas páginas. Só uma minoria não atendeu o telefone ou foi procrastinando até não responder em tempo útil. Quando falhavam contactos telefónicos e presenciais, os maçons foram contactados para números das suas residências, por sms, para os *e-mails* de empresas e até em mensagens nas redes sociais. Infelizmente, houve pessoas que se mantiveram incontactáveis durante todo o período do trabalho.

A credibilidade das fontes e de alguns documentos fizeram com que se optasse por manter nomes de pessoas com quem o DN não conseguiu chegar à fala. Tudo o que era duvidoso não foi incluído no trabalho.

cial, Marco António Costa, figura influente do Porto, é outro dos governantes apontados como maçons. Confrontado pelo DN, preferiu não comentar o assunto.

A influência dos maçons faz-se sentir ainda nas estruturas partidárias. Até há dois meses, o PS era presidido por António Almeida Santos – um dos 20 maçons do GOL com o 33.º grau, o mais elevado na hierarquia maçónica. O CDS também já teve maçons na direcção do partido: Paulo Miranda, na GLLP, e Abel Pinheiro, ex-homem-forte das finanças dos democratas-cristãos.

Os vários representantes de instituições maçónicas com quem o DN falou recusam a ideia de influenciar as decisões políticas. Em *on* são poucos os que dão a cara, embora pelas paredes do Parlamento haja sempre diversas teses sobre o poder dos “irmãos”. As escutas do processo Portucale ajudam à teoria da conspiração – manobras políticas são reveladas pela voz dos próprios.

As entreajudas entre maçons no hemiciclo são também denunciadas por quem passou pelas bancadas parlamentares. Um dos ex-deputados que não se coíbe de falar da maçonaria é Henrique Neto: “Quando estava no Parlamento, verificava que existiam diversas solidariedades de deputados do PS, PSD e CDS, que tinham diferentes origens e uma delas era a maçonaria.” As alianças maçóni-

cas eram, segundo garante Henrique Neto, “mais evidentes nas comissões de inquérito. Um exemplo claro foi o caso Totta/Champalimaud, em que vi colegas de bancada a alterarem as suas posições, de forma a que PS e PSD fizessem um frete ao Champalimaud”.

Sem poupar críticas àquilo que chama de “sociedade secreta”, Henrique Neto afiança que “quando se trata de escolher deputados, governos e empresas públicas, há uma percentagem dirigida às pessoas que são da maçonaria”. Sem avançar nomes, o ex-deputado do PS considera que este é um “terreno minado e lamacento”, ao mesmo tempo que garante: “Algumas das pessoas que andavam metidas nessas ‘solidariedades’ ainda hoje estão no Parlamento.”

Também a ex-dirigente socialista Ana Benavente denuncia os lóbis que existem na Assembleia da República. “Quando se faz parte da AR, além da competência, há outros elementos que contam para se ser escolhido para determinados cargos, como a pertença a lóbis, como o Opus Dei ou a maçonaria.” Afastada da política, Ana Benavente explica que “há deputados que se mantêm muito mais tempo no Parlamento do que outros mais competentes por que considero a essas lóbis como a maçonaria ferem a democracia”. E acrescenta: “É difícil ficar na AR pela compe-

REUTERS

AS RAÍZES
DA MAÇONARIAgi
grande
investigação
DN

CÂMARA DE LISBOA É TERRENO DE MAÇONS

A Câmara de Lisboa é uma autarquia que os maçons conhecem bem. O primeiro presidente de câmara a seguir ao 25 de Abril, Aquilino Ribeiro Machado, é maçom, bem como João Soares, que comandou a maior autarquia do País entre 1995 e 2002. Os antecessores do actual presidente, António

Costa, não eram maçons, mas tiveram chefes de gabinete da organização. Miguel Almeida (do GOL) liderou o gabinete de Pedro Santana Lopes e Cal Gonçalves (da GLLP) o de Carmona Rodrigues. Jorge Sampaio, que também foi presidente da autarquia, teve igualmente como assessor um conhecido maçom do GOL, Fernando Marques da Costa.

Meia centena de figuras influentes só na política

Poder. Somando deputados, autarcas, governantes e ex-governantes, contabilizam-se mais de meia centena de figuras que mexem os cordelinhos na política. Muitos já não estão no Governo, mas são vozes que se distinguem nos partidos. Maçonaria e política sempre estiveram de mãos dadas



RUI PEDRO ANTUNES

Maçonaria e política. As duas têm andado de mãos dadas pelos corredores do poder. Mais de meia centena – entre os maçons assumidos e aqueles que o DN apurou terem sido iniciados nas organizações – exerceram cargos de relevo nos últimos anos (ver *infografia*).

As hierarquias maçónicas não correspondem, no entanto, às hierarquias políticas. Por exemplo, António Reis – apesar de fundador do PS e deputado – nunca teve um cargo político maior do que subsecretário de Estado da Cultura no II Governo Constitucional liderado por Mário Soares. Porém, atingiu o topo no Grande Oriente Lusitano, quando se tornou grão-mestre da organização.

Além dos maçons que ainda estão no Parlamento, o DN encontrou dezenas de outros que já passaram pelo Palácio de São Bento e não tiveram funções executivas em nenhum governo. O número de deputados maçons desde o 25 de Abril dispara se forem contabilizados os que mais tarde se tornaram governantes: ao todo foram

pelo menos 23 os ministros e secretários de Estado maçons que integraram Executivos do PS e do PSD. A grande maioria é ainda hoje voz influente no mundo da política.

O 'auge' foi apadrinhado por católicos

Apesar de um dos ministros mais influentes do Executivo de Passos Coelho ser maçom (Miguel Relvas) e de a entrada de Rui Pereira para o Governo de José Sócrates ter levado o diário espanhol *El País* a anunciar o "regresso da maçonaria ao poder" em Portugal, os tempos áureos da maçonaria após o 25 de Abril terão sido os dos Governos do católico António Guterres, entre 1995 e 2001.

Nos seis anos de guterrismo contam-se 11 governantes com ligações à maçonaria. Todos eles do Grande Oriente Lusitano. Desde logo porque o influente Jorge Coelho, enquanto ministro de Estado, escolheu para seu adjunto o "irmão" Fausto Correia (já falecido e, por isso, nenhum maçom tem pudor de o referir como membro da organização). No

Executivo estava ainda o ex-sócio e grande amigo de Jorge Coelho, José Miguel Boquinhas. Coelho desempenhou também o cargo de ministro da Administração Interna, área em que os maçons têm, por norma, grande interesse. Neste sector, destacaram-se dois secretários de Estado, que mais tarde haviam de integrar a equipa de José Sócrates: Rui Pereira e Carlos Zorrinho. Sócrates foi buscar ainda outro maçom que havia sido seu colega no Executivo: José Magalhães, que passou a ser subordinado do "irmão" a Rui Pereira quando este integrou o Governo em 2007.

Rui Pereira pertence agora à Loja Nunes de Almeida depois de ter partilhado a pertença à Loja Convergência com outras figuras ligadas à política (António Vitorino, Vitalino Canas, Abel Pinheiro e Rui Gomes da Silva). As portas do Governo abriram-se para Rui Pereira quando António Costa saiu para outro cargo que os maçons conhecem bem: a presidência da Câmara Municipal de Lisboa (*u. topo pág.*).

Mas há mais maçons na era guterrista. Rui Cunha, que sempre foi próximo do "ir-

mão" João Soares, foi secretário de Estado do ministro do Trabalho e da Solidariedade e, mais tarde, do dos Transportes. Depois da política, Rui Cunha integrou ainda um importante cargo público na área da solidariedade social, do estar duranta dos mandatos à frente da Associação da Misericórdia. Foi recentemente afastado para dar lugar a Pedro Santana Lopes.

O eterno *enfant terrible* do PSD não é maçom, mas já chefiou a câmara de uma cidade que é um bastião da maçonaria: a Figueira da Foz. O seu ex-baixo-direito e influente figura do PSD naquela autarquia, Miguel Almeida, é, aliás, um conhecido membro da organização.

Os Governos de Guterres integraram ainda outros elementos da maçonaria como Ricardo Sá Fernandes (secretário de Estado dos Assuntos Fiscais) e António Vitorino (agora "adormecido"), que chegou a ter o cargo de vice-primeiro-ministro. Armando Vara (ministro do Desporto) também foi iniciado, mas esta semana garantiu ao DN que não é maçom. Também Leonor Coutinho, que era a secretária de Estado da Habitação nesse Executivo, disse ao DN que já abandonou a organização.



PODER LOCAL, GABINETES E PARTIDOS

PS PSD CDS Independente



Miguel Relvas
Ministro Adjunto Ass. Parlamentares



Marco Ant.º Costa
Sec. Est. Seg. Social



Jorge Lação
Min. dos Ass. Parlamentares



Vasco Franco
Sec. de Est. da Protecção Civil



Rui Pereira
Min. da Adm. Interna



José Magalhães
Sec. Est. da Justiça

XIX GOVERNO
Passos Coelho

XVIII GOVERNO
José Sócrates

CONFERÊNCIA

Um convite 'seguro'

› Cinco dias antes de José Sócrates apresentar a demissão, em Março deste ano, a maçonaria regular (GLLP-GLRP) convidou para um jantar-debate aquele que viria a ser o sucessor do ex-primeiro ministro na liderança do PS. António José Seguro aceitou o convite e, a 17 de Março, deslocou-se ao Hotel Sol Play, em Linda-a-Velha, para um jantar muito participado. Seguro não quis comentar a sua presença, mas garantiu ao DN não ser maçom. Recorde-se que as principais figuras socialistas do GOL, António Reis e António Arnaut, apoiaram Francisco Assis para a liderança. Já em 2005, quando o GOL acusava Sócrates de não pôr maçons no Governo, houve uma alegada conquista do Grémio Lusitano: o afastamento de Seguro da liderança da bancada, então maioritária. Em escutas do processo Portucalense já divulgadas na imprensa, numa conversa com Rui Gomes da Silva, Abel Pinheiro atribuiu o feito a Jorge Coelho, que o negou. Ao que o DN apurou, antes das eleições de 5 de Junho, também Pedro Passos Coelho foi convidado pela maçonaria regular para um jantar com as mesmas características do de Seguro.

NOTA

Todos os nomes citados foram cruzados com diversas fontes. Todos eles foram também contactados: alguns assumiram a condição de maçons, outros preferiram dizer que não comentavam e alguns não responderam ou não atenderam os diversos contactos (apesar disso, e pela confirmação de diversas fontes, o DN mantém os seus nomes). Terão ficado de fora muitos outros, exactamente porque foi impossível ter certezas sobre a sua filiação maçónica.

XIV GOVERNO
António Guterres



José Magalhães
Sec. de Est. Assuntos Parlamentares



José Miguel Boquinhas
Sec. de Est. da Saúde



Rui Pereira
Sec. Est. Adm. Interna



Ricardo Sá Fernandes
Sec. de Est. dos Assuntos Fiscais



Rui Cunha
Sec. de Est. Adjunto e dos Transportes



Armando Vara
Min. do Desporto



Miguel Relvas
Sec. Est. Adm. Local

XV GOVERNO
Durão Barroso

XVI GOVERNO
Santana Lopes



Rui Gomes da Silva
Ministro adjunto do PM



Rui Pereira
Ministro da Adm. Interna



Castro Guerra
Sec. Est. da Ind. e da Inovação



José Magalhães
Sec. de Estado da Adm. Interna



Jorge Lação
Min. dos Ass. Parlamentares

JUVENTUDE

O crescimento nas 'jotas'

› A maçonaria tem cada vez mais influência nas "jotas", apurou o DN junto de dirigentes das estruturas juvenis dos dois principais partidos. Dos membros da maçonaria que emanaram das estruturas juvenis destaca-se, na área do Porto, o ex-deputado do PSD Ricardo Almeida, e, em Lisboa, o também social-democrata Alexandre Picotenc, que têm ambas o mesmo grau de influência nas estruturas juvenis. Na JS destaca-se Pedro Pinto Jesus, também da zona de Lisboa. Os próprios grão-mestres assumem ser cada vez mais procurados por membros das estruturas juvenis.

XI GOVERNO
Cavaco Silva



António Neto Silva
Sec. de Estado do Comércio



Sousa Lara
Subsec. de Est. da Cultura



António Vitorino
Vice-primeiro-ministro



Armando Vara
Sec. Est. Adm. Interna



Jorge Coelho
Ministro das Obras Públicas



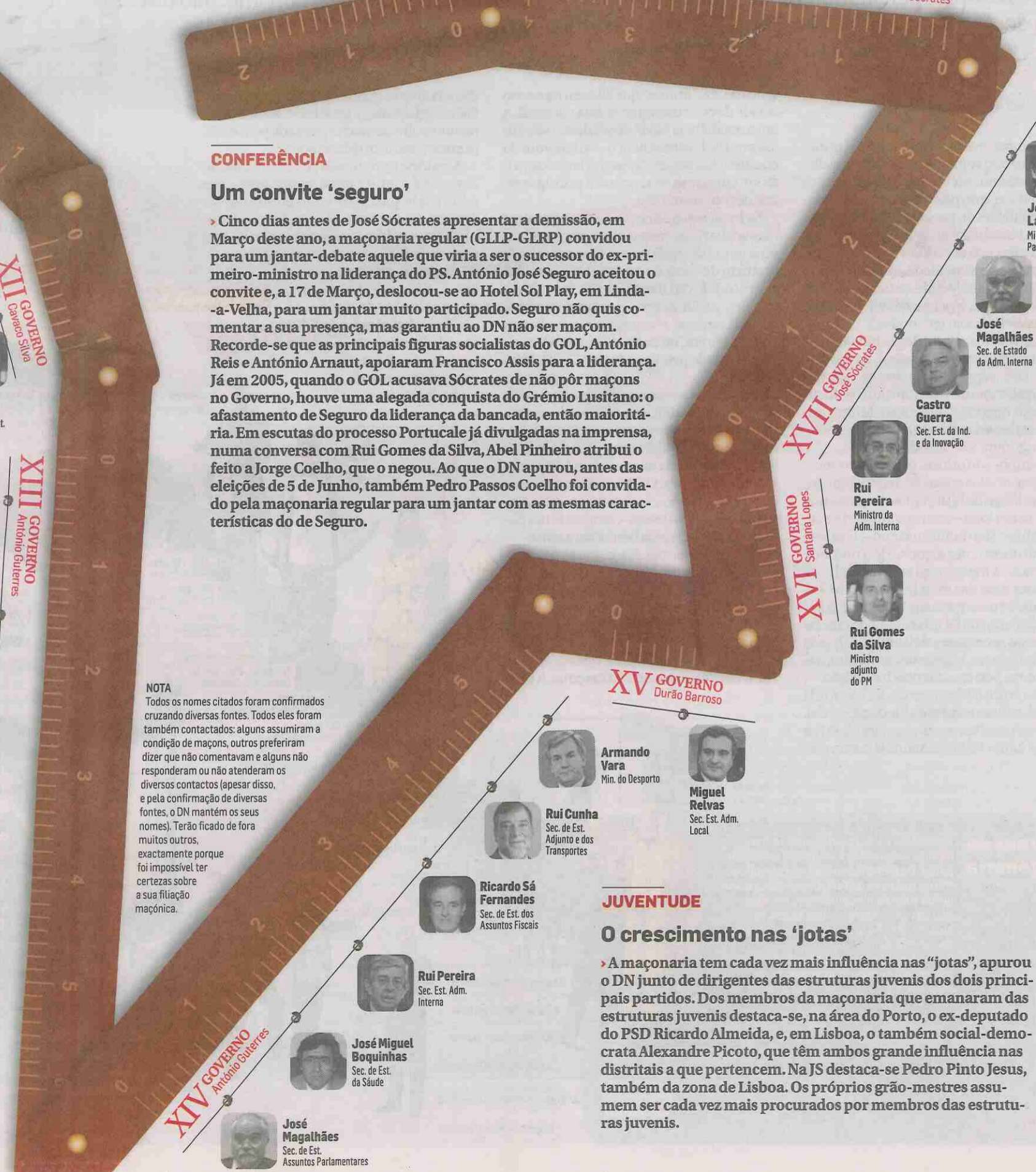
João Cravinho
Ministro dos Equip. Sociais



José Lamego
Sec. de Est. dos Neg. Estr.



Rui Cunha
Secretário de Estado da Inserção Social



AS RAÍZES DA MAÇONARIA



MAÇONS PORTUGUESES FAMOSOS



D. PEDRO IV
REI DE PORTUGAL
E IMP. DO BRASIL



D. FERNANDO II
REI DE PORTUGAL



SIDÓNIO PAIS
PRESIDENTE DA REPÚBLICA



TEÓFILO BRAGA
PRESIDENTE DA REPÚBLICA



PALMA CARLOS
PRIMEIRO-MINISTRO



ANTÓNIO A. DE AGUIAR
MINISTRO



PASSOS MANUEL
DEPUTADO

De Gomes Freire ao iPad

História. Usam códigos secretos, mas preferem assumir-se como “discretos”. Batem-se por valores nobres e foram perseguidos ao longo dos tempos – agora são acusados de nepotismo. São olhados com desconfiança pelos ‘profanos’. A história confirma a importância da organização

RUI PEDRO ANTUNES

A maioria dos seus membros não são conhecidos e quando se juntam é sempre com discrição. Estão nos sectores mais importantes da sociedade, mas não o assumem, alegando perseguições do passado. Nos cargos que exercem têm obrigação de colocar os valores maçónicos acima de tudo, defendendo sempre a igualdade, a liberdade, a fraternidade e a tolerância. E, independentemente da obediência a que pertençam, devem – sempre que possível – ajudar os “irmãos”.

Regras que se aplicam desde há 200 anos, mas que sofreram as “invasões” da modernidade. Os maçons de hoje comunicam por telemóvel, e-mail e transportam os documentos da organização no iPad. Muitos dos seus membros dão até a cara. Não são secretos, asseguram. São, sim, discretos.

Os tempos são outros, é certo, mas mesmo assim, muitas coisas se mantiveram intactas ao longo da história. Os maçons organizam-se em lojas – com um mínimo de sete membros, sem limite máximo –, ligadas a uma estrutura-mãe, a que se dá o nome de obediência. A mais das mais influentes: o GOL (fundado no nosso país em 1804). Mas já antes da fundação do GOL haviam sido criadas várias lojas, a primeira delas em 1727, pela mão dos ingleses. Lojas estas que foram, naturalmente, perseguidas pela Inquisição.

A criação do GOL começa a ser esboçada em 1801, três anos antes da fundação oficial. Nesse ano, realiza-se uma assembleia em casa de Gomes Freire de Andrade, com a pre-

sença de 200 “irmãos” que falaram na necessidade de criar uma grande rede nacional. A nova obediência havia de ser decretada então em 1804 numa Dieta (o Parlamento da obediência), seguindo-se a criação da primeira constituição maçónica portuguesa, que decorreu em 1806.

As invasões francesas que assolaram o País acabariam anos depois por justificar uma nova perseguição aos maçons sobre o pretexto de “traição à pátria”. No entanto, com o triunfo do Liberalismo (D. Pedro IV era maçom), o GOL acabou por cimentar a sua posição, tornando-se então uma obediência regular. Porém, no início do século XX, seria irregularizado pela Grande Loja Unida de Inglaterra.

Devido à enorme ligação da obediência ao Partido Republicano, os maçons acabaram por ficar estreitamente ligados à Implantação da República, em 1910. Anos mais tarde, a chegada da ditadura (em 1926) trouxe tempos difíceis. O GOL acabaria mesmo por ser ilegalizado – acto contra o qual se insurgiu Fernando Pessoa –, através de um parecer de 1935. Os seus bens foram entregues à Legião Portuguesa, como se pode em *Diário da República* assinado por Óscar Carmona e António de Oliveira Salazar. Sobrevive na clandestinidade, mas sofre uma autêntica razia.

Quando a democracia é instaurada em 1974, existem apenas 200 maçons. A obe-

diência apenas ganha novo fôlego quando o Palácio Maçónico é devolvido aos maçons, por um outro despacho assinado então primeiro-ministro Mário Soares.

A história de repressão, que durou até a 25 de Abril, é um dos motivos que os maçons mais usam para quererem continuar no anonimato. Porém, o ex-grão-mestre António Reis considera que a maçonaria não é uma sociedade secreta, mas sim “discreta”. Daí que, após quase 40 anos de democracia, continue na sombra. “A designação de sociedade secreta foi-nos dada mais pelos nossos inimigos, para criarem uma aura de mistério e de seita



Graus da maçonaria

A estrutura da maçonaria tem a forma de duas escadas que começam e terminam juntas. Os três graus iniciais são comuns ao rito escocês e ao de York. Depois disto, quem quiser subir na hierarquia deve escolher entre os dois sistemas ritualísticos. No escocês são 33 graus, enquanto no de York são apenas 10. Em Portugal, o rito mais praticado é o escocês, mas estima-se que a grande maioria dos maçons em todo o mundo pratiquem o de York.

- 1.º grau - Aprendiz iniciado
- 2.º grau - Companheiro de ofício
- 3.º grau - Mestre maçom
- 4.º grau - Mestre secreto
- 5.º grau - Mestre perfeito
- 6.º grau - Secretário íntimo
- 7.º grau - Preboste e juiz
- 8.º grau - Intendente dos edifícios
- 9.º grau - Mestre eleito dos 9
- 10.º grau - Mestre eleito dos 15
- 11.º grau - Cavaleiro eleito dos 12
- 12.º grau - Grão-mestre arquitecto
- 13.º grau - Mestre do 9.º arco
- 14.º grau - Grão-eleito perfeito e sublime
- 15.º grau - Cavaleiro do Oriente
- 16.º grau - Príncipe de Jerusalém
- 17.º grau - Cavaleiro do Oriente e do Ocidente
- 18.º grau - Cavaleiro Rosacruz
- 19.º grau - Grão-pontífice
- 20.º grau - Mestre ad Vitam
- 21.º grau - Patriarca noaquita
- 22.º grau - Príncipe do Líbano
- 23.º grau - Chefe do tabernáculo
- 24.º grau - Príncipe do tabernáculo
- 25.º grau - Cavaleiro da serpente de bronze
- 26.º grau - Príncipe da mercê
- 27.º grau - Comendador do templo
- 28.º grau - Cavaleiro do Sol
- 29.º grau - Cavaleiro de St.º André
- 30.º grau - Cavaleiro kadosh
- 31.º grau - Inspetor
- 32.º grau - Substituto
- 33.º grau - Grão-mestre



NORTON DE MATOS
GENERAL E POLÍTICO



GOMES FREIRE DE ANDRADE
GENERAL



GAGO COUTINHO
GEÓGRAFO



EGAS MONIZ
PRÉMIO NOBEL DA MEDICINA



FERNANDO PESSOA
ESCRITOR



BOCAGE
ESCRITOR



C. CASTELO BRANCO
ESCRITOR



AQUILINO RIBEIRO
ESCRITOR



ANTERO DE QUENTAL
ESCRITOR



TEIXEIRA DE PASCOAES
ESCRITOR



ALEXANDRE HERCULANO
ESCRITOR

relativamente à maçonaria, que nunca pretendeu ser uma seita", explica. Acrescentando que o anonimato se deve "às precauções que teve de tomar ao longo da história por ser vítima de perseguições". Após a Revolução de Abril, contudo, a maçonaria ganhou uma força tal que o I Governo Provisório, que tomou posse a 16 de Maio de 1974, teve como primeiro-ministro um ex-grão-mestre do GOL, Adelino da Palma Carlos.

Novas cisões na maçonaria aconteceriam anos depois, já nos anos 80. Dissidentes do GOL constituíram a Grande Loja de Portugal, que mais tarde haveria de se transformar no Distrito Português da Grande Loja Nacional Francesa. Esta acabaria por dar lu-

+4000

Em Portugal, existem mais de quatro mil maçons, de acordo com dados das próprias obediências

gar à Grande Loja Regular de Portugal (hoje a segunda mais importante), criada por José Manuel Anes, outro maçom dissidente do GOL, que se tornava regular um ano depois ao ser reconhecida pela Grande Loja Unida de Inglaterra.

Mas o GOL continuou a ser uma importante obediência, enquanto a GLRP teve um revés em 1996, com o escândalo da Universidade Moderna. Houve uma cisão e foi criada a GLRP - Casa do Sino, que posteriormente se dividiu em Grande Loja Portuguesa e Casa Real dos Pedreiros Livres da Lusitânia.

Hoje, em Portugal, impõem-se duas grandes obediências, o GOL e a GLLP, que tem a

designação de Grande Loja Legal de Portugal/GLRP. Cada uma das obediências reivindicava ter cerca de 2000 membros. Apesar das diferenças (*ver caixa*), o tipo de rituais mais utilizado pelas lojas de ambas obediências é o Rito Escocês Antigo e Aceite, tendo as cerimónias um simbolismo muito próprio (*ver infografia*). Ambas se consideram ordens iniciáticas. Ou seja: "Organizações fraternais, com uma determinada regra de funcionamento e de vida, sujeita a uma hierarquia, cujo objectivo é o aperfeiçoamento espiritual dos seus membros", segundo José Manuel Anes.

De acordo com os valores maçónicos, os membros da maçonaria têm de cultivar a liberdade, a igualdade e a fraternidade, bem como o aclassismo e o aperfeiçoamento intelectual, que devem usar ao serviço de uma sociedade mais livre, justa e igualitária.

E se sempre reivindicou um lugar na história, qual o papel da maçonaria num momento de crise como este? António Reis responde que a maçonaria pode impor-se através da "preparação que dá aos seus membros para poderem intervir melhor na transformação da sociedade e na luta contra a crise, funcionando também como uma voz moral em Portugal".

OBEDIÊNCIAS

GOL e GLLP/GLRP: as suas diferenças

As duas maiores obediências portuguesas não se reconhecem uma à outra, mas respeitam-se. As suas divergências assentam em dois planos: um filosófico e outro de género. A GLLP/GLRP, que corresponde à maçonaria regular, é uma obediência que exige que os seus membros tenham uma religião (seja catolicismo, protestantismo, judaísmo, islamismo, etc.). Já o GOL - que corresponde à maçonaria irregular - entende que o princípio da liberdade de consciência, levado ao limite, implica a admissão de não crentes, ateus ou agnósticos. Outra grande diferença relacionada com o género: o GOL permite que as suas lojas recebam mulheres maçonas e que possam visitar obediências femininas, o que não acontece no caso da GLLP/GLRP.

Futuro e recrutamento

Nos últimos anos, as mulheres da maçonaria também têm vindo a escrever a sua história. Em 1997, foi criada a Grande Loja Feminina de Portugal (GLFP), a única obediência que tem exclusivamente mulheres. Existem ainda obediências mistas (que aceitam homens e mulheres), mas têm menos expressão que a GLFP.

O futuro das obediências passa sempre pelo recrutamento de novos "irmãos", o que se faz normalmente por convite. Este é, normalmente, dirigido a amigos, amigos de amigos ou familiares. O método é igual no GOL e na GLLP. Apesar das diferenças de obediências, os maçons partilham os mesmos sinais entre si (*ver infografia nas páginas seguintes*). Ambas as obediências consideram ter boas relações entre si, apesar de não se reconhecerem oficialmente. A história futura da maçonaria em Portugal passa pela capacidade de o GOL e a GLLP se adaptarem aos novos desafios da organização.

Organizações irmãs

Sob o arco estão as organizações irmãs da maçonaria. Os mestres maçom são aceites na Grotto e na Altos Cedros do Líbano. Jovens mulheres que têm um maçom na família podem ingressar na Filhas de Jó ou na Ordem Internacional do Arco-Iris; em adultas, na Estrela do Oriente; e rapazes, na DeMolay. Apenas maçons de grau 32 e Cavaleiros Templários podem entrar para o Shrine. E a mulher de um Shrine pode ser uma Filha do Nilo.



AS RAÍZES
DA MAÇONARIAgi
grande
investigação
DNOUTROS
FAMOSOSA. LINCOLN
PRESIDENTE
DOS EUANEIL
ARMSTRONG
ASTRONAUTAA. CITROËN
FUNDADOR DA
CITROËNBENJAMIN
FRANKLIN
DIPLOMATAGEORGE
WASHINGTON
1.º PRES. DOS EUAW. CHURCHILL
1.º MINISTRO
BRITÂNICOEDWARD VIII
REI DE
INGLATERRA

O Barcelona, Berlusconi e o terrorista da Noruega

Ligações internacionais. Português do GOL domina importante organização mundial da maçonaria irregular. A GLLP dá cartas no mundo lusófono

RUI PEDRO ANTUNES

Ao longo da história têm sido várias as ligações da maçonaria portuguesa a obediências de todo o mundo. Um dos últimos feitos foi a eleição de um português para a maior organização mundial da franco-maçonaria liberal e adogmática: o CLIPSAS. António Reis teve, no entanto, uma estreia agridoce – poucos meses depois de tomar posse viu-se na obrigação de justificar aquele que foi um dos maiores ataques na Europa nos últimos anos, cometido por um maçom: o massacre na ilha de Utoya, na Noruega, que vitimou 77 pessoas.

Num comunicado dirigido aos “irmãos”, a 7 de Agosto último, António Reis condenou – em nome do CLIPSAS – o massacre cometido por Andres Breivik, a quem se referiu como “norueguês infiltrado na Grande Loja da Noruega, da qual foi imediatamente expulso”. O ex-grão-mestre do GOL acrescentou ainda: “O CLIPSAS lamenta que este criminoso tenha podido ser admitido numa obediência maçónica que partilha os valores da franco-maçonaria universal, totalmente opostos àqueles em nome dos quais praticou este acto intolerável.”

O duplo atentando da Noruega levou a que o português fizesse um aviso às obediências da franco-maçonaria para que no futuro sejam mais rigorosos na admissão de “irmãos”: “O CLIPSAS apela ainda ao máximo rigor por parte de todas as obediências nos procedimentos de admissão dos seus membros, a fim de prevenir outras situações condenáveis e vergonhosas.” Sobre este caso, António Reis admitiu ao DN ter havido “negligência e ingenuidade” por parte dos maçons noruegueses. Até porque as admissões obedecem a critérios rigorosos e a investigação criteriosa dos novos membros.

A obediência mais poderosa do CLIPSAS é o Grande Oriente de França. Foi, aliás, numa loja francesa que Mário Soares foi iniciado quando se exilou em Paris. Acabou por não continuar a actividade em Portugal por não ter “paciência” para “esoterismos” nem para os rituais maçónicos. No entanto, as ligações entre a maçonaria francesa e o GOL foram sempre muito sólidas, na mesma medida em que a Grande Loja Legal de Portugal tem laços fortes com a Grande Loja Unida de Inglaterra. No dia da tomada de posse de Fernando Lima como novo grão-mestre do GOL, a 24 de Setembro, estiveram presentes 20 delegações estrangeiras, oriundas de países como França, EUA e Haiti.

A Gládio e a P2 de Berlusconi

Ao longo de mais de 200 anos, o GOL tem uma história rica em alianças internacionais. O DN apurou que a obediência esteve ligada à operação Gládio, facto que está aliás a ser estudado por maçons do GOL. A “Operação Gládio” foi um projecto secreto norte-americano – comandado pela NATO – que recorreu a redes na clandestinidade durante a Guerra Fria para criar grupos de resistência em caso de um avanço comunista. Essas células tinham por objectivo impedir uma invasão soviética da Europa Ocidental e estariam operacionais caso as tropas do Pacto de Varsóvia furassem a “cortina-de-ferro”.

Na operação estiveram envolvidos 16 países – incluindo Portugal –, sendo a mais famosa destas células a italiana Gládio, onde estava fortemente representada a P2 (Propaganda Due), uma das mais importantes lojas maçónicas de Itália. O GOL esteve ligado a esta operação através da P2, que tinha entre as suas principais figuras o ainda primeiro-ministro italiano: Silvio Berlusconi.

António Reis diz que loja norueguesa foi “negligente”

Alguns símbolos



Compasso

Representa a justiça e a exactidão. Símbolo do espírito, do pensamento, do relativo (círculo) dependente do ponto inicial (absoluto)

Esquadro

É o símbolo da rectidão e também da acção do homem sobre a matéria e sobre si mesmo. Simboliza a moralidade



Letra G

Com diversos significados: gravitação, geometria, geração, génio, gnose, glória e grandeza



Avental

Símbolo do trabalho. Os aprendizes e companheiros usam-no de uma cor, e os mestres, de outra

Três pontos

Luz, trevas e tempo. Nascimento, vida e morte. Sabedoria, força e beleza. Liberdade, igualdade e fraternidade

Colunas

Símbolo dos limites do mundo, da vida e da morte, do activo e do passivo, do elemento masculino e feminino

Os cinco passos da iniciação maçónica

Apesar da diferença de rituais que existe dentro das próprias obediências maçónicas, o processo de iniciação mais comum pode resumir-se em cinco passos distintos. Tudo começa com um convite ou com pessoas que se vão oferecer às obediências e termina num ritual repleto de simbologia e esoterismo.

5.º

Enfim maçom

Após as três voltas ao templo, é retirada finalmente a venda ao candidato e queimado o testamento maçónico que escrevera há minutos. A partir desse momento, passa a ser maçom, especificamente “aprendiz” – o primeiro dos graus maçónicos.



4.º

Entrada no Templo

Ainda de olhos vendados e já vestido a rigor (com as calças arregaçadas numa das pernas e um dos ombros descobertos) é conduzido até ao templo onde já estão os seus futuros “irmãos”. De seguida, o candidato dirige-se até ao centro do templo e dá três voltas ao espaço.

Como se identificam os maçons

São gestos feitos por maçons e que só os “irmãos” os conseguem perceber. Aliás, o objectivo destes cumprimentos é que os “profanos” (nome dado aos não maçons) não se apercebam desta forma de comunicação. É a subtilidade com que estes actos são feitos que evita que os “profanos” os consigam decodificar.



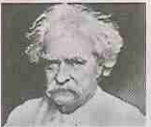
Aperto de mão

Num aperto de mão, se um irmão quiser saber se outro indivíduo é maçom, dá três toques subtis com o polegar. Caso a resposta seja igual, está confirmada a ligação fraterna.

A origem do 'Barça'

Nem Dan Brown nem os mais criativos conspiradores se lembrariam de associar o “tiki-taka” orquestrado por Lionel Messi à maçonaria, mas o que é certo é que o GOL esteve ligado à fundação do Barcelona. Tudo porque a loja maçónica que esteve na origem do clube no final do século XIXouxou do orgulho catalão e inscreveu-se no GOL para não ter de prestar “vassalagem” às obediências de Madrid.

Também houve maçons na criação dos dois maiores clubes de Lisboa, o Sporting e o Benfica, que já terão sido – segundo contaram estudiosos do GOL ao DN – instituições paramaçónicas. Curioso é que ainda hoje os rivais da segunda circular mantêm maçons nas suas estruturas directivas. O Benfica tem um vice-presidente maçom (Rui Gomes da Silva) e o Sporting um administrador da SAD (Rui Paulo Figueiredo).

**CHARLES DE MONTESQUIEU**
FILÓSOFO**VOLTAIRE**
FILÓSOFO**PIERRE-JOSEPH PROUDHON**
FILÓSOFO**JOHN WAYNE**
ACTOR NORTE-AMERICANO**MOZART**
COMPOSITOR**SALVADOR ALLENDE**
PRES. DO CHILE**HARRY HOUDINI**
ILUSIONISTA**INGMAR BERGMAN**
REALIZADOR**BADEN POWEL**
FUNDADOR DOS ESCUTEIROS**MARK TWAIN**
ESCRITOR**PEDRO I**
CZAR DA RÚSSIA**1.º****Convite**

A forma mais comum de um indivíduo entrar na maçonaria é através do convite de um "irmão". Ou seja, um membro da maçonaria vê se determinada pessoa tem "vocaçãõ maçônica" e recruta-a, o que acontece, normalmente, entre amigos e familiares. Há também quem se vá oferecer às obediências.

**2.º****Investigação**

Após o candidato a maçon ser do conhecimento da obediência, é-lhe feito um inquérito e investigado o seu passado. São passados a pente fino documentos, como o registo criminal. Quando o candidato se oferece (não sendo convidado), a investigação ainda é mais apertada e pode durar meses.

3.º**Início do ritual de iniciação**

De acordo com o Rito Escocês Antigo e Aceite – o mais comum em Portugal – o candidato chega ao espaço onde vai decorrer o ritual de iniciação e são-lhe vendados os olhos. Um mestre conduz o candidato a uma sala escura, onde este responde a um questionário sobre os deveres do homem, após assinar um compromisso de honra. Escreve ainda um documento de teor filosófico, que tem o nome de "testamento maçônico".

Os pedreiros que cimentaram a modernidade

Nada sobre a maçonaria é consensual. Muito menos a sua história. Se hoje ninguém sabe ao certo quem são, onde estão e sobre o que falam os maçons, também ninguém tem certeza quanto à sua origem. Os autores dividem-se. Há quem defenda a existência de um início mais antigo, mas a tese mais aceite é a de que a maçonaria terá nascido na Idade Média através da constituição de corporações de mestres-pedreiros construtores de igrejas e catedrais, corporações formadas nesse tempo.

Daí que o nome tenha origem na expressão francesa *franc-maçõ*, que significa "pedreiro-livre". A maçonaria começou assim por ser uma "associação de pedreiros-livres" que defendia os seus conhecimentos técnicos, essenciais para a construção de edifícios religiosos e que lhes permitiam também ter determinado tipo de privilégios junto das entidades eclesásticas. Em troca de continuarem a construir igrejas e catedrais recebiam regalias da Igreja, que iam desde isenções a tribunais especiais. Desde logo, se tornaram um clube restrito, pois nem todos podiam entrar na organização, sendo os segredos transmitidos apenas àqueles que se mostrassem dignos de conhecê-los. Teriam, já nesta altura, de cumprir diversos rituais.

No século XVI, porém, os avanços tecnológicos, até então escondidos, começaram a ficar ao alcance de todos, perdendo a maçonaria o seu sentido. Por isso teve de se reinventar. Com o crescimento dos movimentos iluministas – a maçonaria deixou de ser um clube restrito de construtores e abriu as portas a qualquer homem livre de bem que defendesse os valores maçônicos. Filósofos, artistas e todo o tipo de livre-pensadores ingressaram na organização dando origem à maçonaria moderna, também conhecida por especulativa. É quando se começa verdadeiramente a esboçar o actual modelo maçônico.

Como escreve José Manuel Anes no livro *A Maçonaria Regular*, "os maçons especulativos constroem 'edifícios' (individuais e sociais) à glória do Grande Arquitecto do Universo" (GADU). Esta ideia vem da primeira Constituição Maçônica, de 1723, que concede aos seus membros liberdade de culto, exigindo apenas a crença num deus único: o GADU.

O conceito de Deus como o Grande Arquitecto do Universo não é novo. O cristianismo cita-o por diversas vezes e surge em diversas ilustrações nessa condição em Bíblias publicadas desde a Idade Média.

Este conceito do "Grande Arquitecto do Universo" permite que Deus esteja além de qualquer credo religioso, respeitando toda a

sua pluralidade. Existe apenas a crença num ser supremo.

A maçonaria, como é uma escola de filosofia, moral e valores, e não uma religião, nem quer concorrer a outra religião, usa o GADU como seu Deus supremo. O que permite aos seus iniciados a crença em qualquer uma das religiões existentes, basta acreditarem neste ser superior, criador de tudo e de todos.

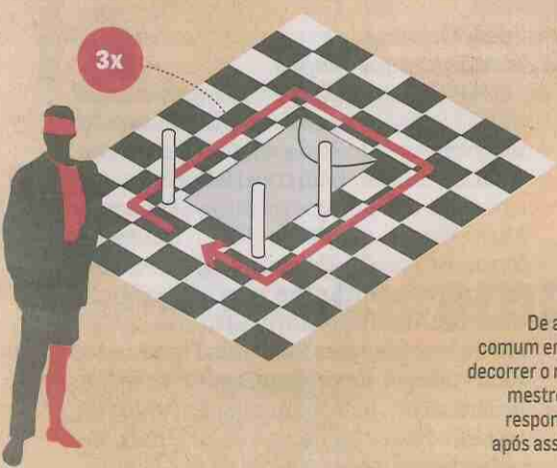
O "Grande Arquitecto do Universo" ou GADU tornou-se assim designação maçônica para uma força superior, criadora de tudo o que existe. Com esta abordagem, não se faz referência a uma ou outra religião ou crença, permitindo que maçons muçulmanos, católicos, budistas, espíritas e outros, por exemplo, se reúnam numa mesma loja maçônica.

A primeira loja de obediência maçônica do mundo surge em terras britânicas em 1717: a Grande Loja de Inglaterra. Sofre uma grande cisão em 1751, surgindo uma Grande Loja rival. Estas acabariam, no entanto, por se juntar em 1813 para formar a Grande Loja Unida de Inglaterra. Entretanto já a maçonaria se tinha expandindo para as colónias britânicas, ganhando força nos Estados Unidos, e estando, inclusivamente, por detrás da independência norte-americana. Também na Revolução Francesa terá havido influência maçônica, sendo os valores dessa revolução os mesmos da maçonaria: igualdade, liberdade, fraternidade e tolerância. A independência do Brasil terá tido também a mão da maçonaria.

Quanto a inimigos, já desde os finais do século XVIII que a Igreja reage violentamente contra a maçonaria, com o Papa Clemente XII a acusar os maçons de heresia. A partir daí, os membros da organização passaram a ser perseguidos pela Inquisição em diversos países católicos, incluindo Portugal. Foram estas perseguições que tornaram a maçonaria ainda mais secreta, pois a organização viu-se obrigada a existir na clandestinidade. Os maçons encontravam-se secretamente de madrugada e continuavam a exercer a sua influência na sociedade, mas sem assumirem a chamada de maçons.

Já a chamada "irregularidade" maçônica iniciou-se na França e na Bélgica (obediências aliadas do também liberal e adomgático GOL) quando os grandes orientes destes países decidiram abolir a obrigação de crença no Grande Arquitecto do Universo. A Grande Loja Unida de Inglaterra reagiu decretando a "irregularidade" destas obediências.

Hoje a maçonaria conta com mais de seis milhões de membros, dos quais a maçonaria regular (à qual pertence a GLLP) é maioritária. Em Portugal existem mais de 4 mil membros da maçonaria, tendo cada uma das duas maiores obediências cerca de 2000.

**À refeição**

Num local público, se um maçõ quiser saber se é um "irmão" que está à sua frente, coloca a palma da mão aberta sobre o próprio peçoço. Caso o alvo faça o mesmo, é porque é maçõ.

**Conversa discreta**

Quando dois "irmãos" estão a conversar sobre a sua loja e se aproxima um "profano" (não maçõ), o elemento que detectar o estranho deve prontamente dizer: "Está a chover".

GLLP domina no mundo lusófono

Olhando para as ligações internacionais da maçonaria portuguesa é ainda de destacar a aposta da Grande Loja Legal de Portugal nas ex-colónias portuguesas. A maior obediência da maçonaria regular em Portugal já tem sete lojas nos países de língua portuguesa, que se dividem por Angola (3), Cabo Verde (2), Macau, Timor, Guiné-Bissau e São Tomé e Príncipe. Estas lojas respondem à organização portuguesa, e uma vez que não

têm uma obediência própria nos países onde estão instaladas. Moçambique já tem a sua própria obediência, a Grande Loja Legal de Moçambique, e no Brasil proliferam diversas obediências.

Aliás, umas mantêm relações com a GLLP e outras com o Grande Oriente Lusitano, como é exemplo a Grande Loja Feminina do Brasil, a Grande Loja Maçônica Mística do Brasil, e o Grande Oriente Nacional "Glória do Ocidente" do Brasil.

AS RAÍZES
DA MAÇONARIAgi
grande
investigação
DNASSOCIAÇÕES
'IRMÃS'

AAPEUA

A Associação de Amizade Portugal-EUA foi criada no primeiro aniversário do 11 de Setembro e tem como objectivo "promover o intercâmbio cultural, social e económico" entre os países. Apoiá ainda, segundo se lê no próprio site, o "combate ao terrorismo internacional".

ITD

De acordo com o site oficial, o Instituto Transatlântico Democrático é uma "instituição independente de pesquisa, investigação e educação no domínio das políticas públicas" e privilegia as relações e iniciativas com os EUA, a UE e a vertente Lusófona.

Os 30 mais influentes na sociedade, da economia à saúde

Em todo o lado. As palavras do capitão de Abril Vasco Lourenço ilustram bem a presença da maçonaria nos diversos sectores: "É transversal e procura, através dos maçons, influenciar a sociedade, defendendo os valores maçónicos." Empresas, saúde, justiça, educação, cultura – são muitas as áreas em que se destacam personalidades influentes

RUI PEDRO ANTUNES

A designação "pedreiros-livres" para maçons é curiosa se tivermos em conta o número de "irmãos" que estão nas grandes empresas de construção e do cimento. A Mota-Engil tem como presidente executivo alguém que já se assumiu maçom: Jorge Coelho. Essa mesma empresa está ligada à Camargo Corrêa – grande grupo construtor brasileiro – através da plataforma ESCOM, que congrega um grupo de investidores em Angola. E o responsável da Camargo Corrêa para África, Armando Vara, foi também iniciado na maçonaria nos anos 90, embora tenha garantido esta semana ao DN que não é maçom. O grupo brasileiro tem participação na CIMPOR (à qual admite fazer uma OPA), empresa que, por sua vez, é presidida por outro "irmão", o ex-secretário de Estado Manuel Pinho, António Castro Guerra...

Aliás, o próprio grão-mestre do Grande Oriente Lusitano (GOL) tem uma carreira ligada ao sector do cimento. Fernando Lima Valadas é presidente da Construtora Abrantina, que pertence ao Grupo Lena, e chegou a ser administrador da Engil. Mas Fernando Lima rejeita a ideia de que a maçonaria controla os grandes grupos, lembrando que os maçons estão "nas grandes, médias e pequenas empresas".

A verdade é que se esta presença de "pedreiros-livres" em construtoras pode ser uma coincidência, é certa a proeminência de maçons um pouco por toda a sociedade. Seja na saúde, no ensino superior, na justiça ou no mundo empresarial.

As ligações nestes sectores têm por detrás, muitas vezes, "irmandades" de lojas. É o caso da Ongoing, recentemente tão falada a propósito do envolvimento de quadros das secretas e da contratação de estes em várias polémicas. O presidente do grupo de comunicação, Nuno Vasconcellos, contratou para a empresa o ex-director do Serviço de Informações Estratégicas de Defesa (SIED), Jorge Silva Carvalho. Ambos pertencem à



O CEO da Mota-Engil, Jorge Coelho, não quer falar sobre a maçonaria

mesma loja maçónica da Grande Loja Legal de Portugal, a Mozart. O DN apurou ainda que o presidente da Ongoing tem, através da maçonaria, um "irmão" no Parlamento com poder sobre esta matéria. É que, apesar de o PS ser contra a privatização da RTP – posição contrária à Ongoing –, o coordenador do Grupo Parlamentar socialista para a Comunicação, João Portugal, é maçom da GLLP, a mesma obediência de Nuno Vasconcellos. Contactado pelo DN, João Portugal não desmentiu a ligação maçónica ("não comento a vida privada"), mas garante: "Nunca pertenci à mesma loja de Nuno Vasconcellos."

Muitas vezes os membros das mais in-

fluente lojas da Grande Loja Legal de Portugal acabam por "denunciar" as suas ligações por pertencerem aos órgãos sociais de determinadas associações "cívicas" (ver *informação nas páginas seguintes*). Neste caso, tanto Nuno Vasconcellos como Jorge Silva Carvalho pertencem à Associação Amizade Portugal/EUA e ao Instituto Luso-Árabe para a Cooperação, do qual já fez parte o deputado socialista João Portugal, enquanto membro do Conselho Directivo.

Há até exemplos de coabitação de maçons das duas grandes obediências, o Grande Oriente Lusitano (GOL) e a Grande Loja Legal de Portugal (GLLP). É o caso do OSCOT (Observatório de Segurança, Crimina-

lidade Organizada e Terrorismo) e da sua *Revista Segurança e Defesa*.

O OSCOT, presidido pelo ex-grão-mestre da GLLP José Manuel Anes e fundado pelo maçom e ex-ministro socialista Rui Pereira (GOL), conta também com Heitor Romana, ex-espião dos serviços secretos, e Francisco Moita Flores (ambos do GOL). Da mesma forma, o Conselho Editorial da *Revista Segurança e Defesa* inclui maçons das duas obediências: António Neto da Silva, o ex-assessor de José Sócrates Rui Paulo Figueiredo, João Portugal, Jorge Silva Carvalho e o próprio director, José Manuel Anes (todos da GLLP); e Heitor Romana, o ex-deputado José Lamego, insper general da ASAE, António Nunes, e os ex-governantes do PS, Vasco Franco, António Vitorino e Vitalino Canas, que estão no rol dos que pertencem ou já pertenceram ao GOL.

E se a pertença a associações pode não querer dizer muito em termos de influência de maçons na sociedade, o mesmo não se passa em outros cargos de destaque. O capitão de Abril, Vasco Lourenço, iniciado há 12 anos no GOL e venerável da Loja 25 de Abril, considera normal haver maçons em todas as áreas, pois "a maçonaria é transversal e procura, através dos maçons, influenciar a sociedade, defendendo os valores maçónicos".

Vasco Lourenço recusa a ideia da maçonaria actuar colectivamente "no mundo profano", mas admite que "há elementos no GOL que não entraram pelo aperfeiçoamento intelectual, mas para influenciar negócios e ter influências". Porém, acrescenta: "Essas pessoas não vivem em tranquilidade no GOL."

O actual grão-mestre do GOL também considera normal o facto de haver maçons em todas as áreas, aludindo à ideia de qualificar "homem livre" poder ser maçom. O próprio Fernando Lima está em mais de uma área na sua actividade profissional, pois enquanto presidente do Conselho de Administração do grupo Galilei (ex-SLN, empresa do BPN) dirige áreas de negócio que vão desde o imobiliário à Saúde.

OSCOT

O Observatório de Segurança, Criminalidade Organizada e Terrorismo assume-se como "uma entidade sem fins lucrativos de carácter associativo, independente do poder político (...) e preocupada com assuntos da Segurança nas suas várias vertentes".

'REVISTA SEGURANÇA E DEFESA'

É a revista do OSCOT, sendo dirigida pelo ex-grão-mestre da GLLP e presidente do Observatório, José Manuel Anes. Apresenta-se como uma "revista trimestral dedicada à temática da segurança e defesa nacionais, em todas as suas vertentes".

ILAC

Fundado em 1985, o Instituto Luso-Árabe para a Cooperação é "transversal a todas as áreas da vida pública nas quais a cooperação luso-árabe assume relevância". Daí que o instituto tenha diversas comissões (economia, cultura, ciência e turismo).

ENSINO E CULTURA

Paixão pela educação, presença nas artes

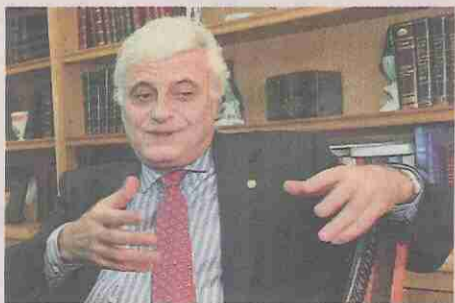
Os edifícios do arquitecto Troufa Real apresentam símbolos maçónicos

Está no ADN da maçonaria ter uma grande ligação à educação. Talvez por isso não seja de estranhar que nos últimos anos as organizações tenham crescido no mundo académico. "Estamos a ser muito procurados por jovens universitários", admitiu ao DN o grão-mestre da GLLP, José Moreno.

O fenómeno está intrinsecamente relacionado com as juventudes partidárias e associações académicas, onde são recrutados maçons mais novos. No entanto, sempre houve uma tradição de professores universitários na maçonaria, sendo mesmo uma das profissões mais comuns. António Reis, Adelino Maltez e António Ventura são alguns dos exemplos de académicos maçons.

No mundo da cultura e das artes também é possível encontrar diversos "pedreiros-livres". O actor Nicolau Breyner já pertencia à maçonaria no início da década de 90, altura em que também foi iniciado o músico Carlos Alberto Moniz, bem como os escritores José Jorge Letria, Mário Zambujal e José Fanha. No domínio da arquitectura destaca-se Troufa Real. O autor da polémica Igreja do Restelo é membro do GOL, tendo a sua arquitectura diversos traços maçónicos. Criou também o relógio maçónico *Rebeldia*, que concebeu para a Loja do mesmo nome, que pertence ao GOL. Igualmente arquitecto e membro desta obediência é José Manuel Fava, ex-sogro do ex-primeiro-ministro José Sócrates.

SAÚDE

Influência entre os médicos

Germano de Sousa protagonizou guerras na Ordem dos Médicos

O sector da Saúde é aliás uma área em que, tradicionalmente, os maçons estão bem colocados. Desde logo na própria Ordem

dos Médicos. O antigo bastonário Germano Sousa é um assumido membro do GOL e explicou ao DN que "é provável que existam diversos médicos maçons, porque é uma área que vai ao encontro daquilo que são os valores da maçonaria". Mas o ex-bastonário, à semelhança de diversos maçons, recusa a existência de nepotismo entre os maçons no sector.

No entanto, ele próprio protagonizou uma das maiores disputas da maçonaria na Ordem. Quando Germano de Sousa se recandidatou, em 2001, contra Carlos Ramalhão, o maçom e "pai" do Serviço Nacional de Saúde, António Arnaut, chegou a dizer: "É evidente que, havendo para a Ordem um candidato maçom, ele provavelmente vai beneficiar do apoio de todos os maçons." Porém, embora o já falecido maçom Jacinto Simões tivesse apoiado Germano de Sousa, outros dois maçons, Joshua Ruah e Santana Maia, apoiaram Carlos Ramalhão.

Nem sempre há uma ligação directa. Nem rivalidades absolutas. Ainda em Abril deste ano Joshua Ruah, ex-dirigente da secção regional Sul da OM, participou numa conferência com Fernando Lima Valadas em Barcelos, subjugada ao tema "Consciência e Espiritualidades". Já Santana Maia faz parte da lista de bastonários maçons, tendo liderado a OM entre 1993 e 1995.

Sobre os "irmãos" médicos influenciarem as votações para a Ordem dos Médicos, Germano Sousa garante que "a obediência não dá indicações de voto", mas considera "natural que, se um maçom tiver de escolher um representante e souber que um dos candidatos é maçom e defende os mesmos valores, é provável que vote nessa pessoa".

Os maçons voltaram a jogo nas penúltimas eleições para a OM, que opuseram Pedro Nunes e o "pedreiro-livre" José Miguel Boquinhas. O maçom do GOL e ex-sócio de Jorge Coelho acabou, no entanto, por perder a corrida.

No entanto, o ex-secretário de Estado da Saúde tem ocupado diversos cargos no sector, nomeadamente na administração de hospitais. Até há bem pouco tempo, José Miguel Boquinhas partilhava a administração da HPP Saúde – um grupo de saúde em regime de parceria público-privada – com um histórico de Mário Soares. Maldonado Gonalves. O ex-governante socialista era presidente da Caixa Seguros e Saúde e, na sua carreira profissional, chegou a ser administrador do Montepio Geral, instituição bancária intrinsecamente ligada à maçonaria.

SONDAGENS

O poder dos inqueritos

E se Jorge Sá – director da Aximage – é um conhecido membro do GOL, é o "desconhecido" Alexandre Picoto, maçom da Grande Loja Legal de Portugal, que mais polémica causou no domínio das sonda-

gens. Tudo porque durante a campanha para a liderança do PSD – que opôs como candidatos Pedro Passos Coelho, José Pedro Aguiar-Branco e Paulo Rangel – o *Sol* publicou a primeira sondagem, que dava uma clara vitória a Passos Coelho, com 51% dos militantes a votarem no agora primeiro-ministro. O problema é que a sondagem foi feita pela empresa Pitagórica, cujo director executivo é Alexandre Picoto, social-democrata e membro da comissão de honra da candidatura de Passos Coelho. Ainda hoje, as franjas do PSD mais ligadas ao ferreirismo atribuem esta manobra à maçonaria. Alexandre Picoto começou a trabalhar no centro de sondagens da Universidade Moderna e chegou inclusivamente a depor em tribunal, onde declarou que tinha endossado cheques a um *stand* para a compra de três veículos – que alegadamente terão resultado na compra de um Ferrari – para a empresa de sondagens. Alexandre Picoto alegou em julgamento que o fez a pedido do ex-reitor da Moderna Braga Gonçalves e que não pediu "explicação nenhuma, talvez por tolice".

ADVOGADOS E JUÍZES

A justiça é cega

Ricardo da Velha, do 'Juiz Decide', é um maçom crítico da liderança do GOL

Outra das áreas em que os maçons têm grande presença é na justiça – sector que o DN aprofundará na edição de amanhã. Neste campo, qualquer espécie de "solidariedades" entre, por exemplo, advogados e juizes ganharia dimensões gravíssimas. O advogado Rodrigo Santiago, também maçom, confessa conhecer juizes-conselheiros que pertencem à organização, mas afasta a ideia de alguma vez ter havido qualquer favor. "Antes de tudo imparcial. As pessoas querem ser tão imparciais que acabam por prejudicar", lamenta.

No caso dos juizes, torna-se ainda mais complicado assumirem que pertencem à maçonaria. Há, no entanto, um ex-juiz desembargador que pertence ao GOL, Ricardo da Velha. Mediatizado no programa *Juiz Decide*, da SIC, Ricardo da Velha tem sido um dos rostos da oposição às últimas lideranças do GOL e bastante crítico da passagem a Fundação, preparada pelo ex-grão-mestre António Reis.

Quando aos advogados, é extensa a lista dos que pertencem à maçonaria (como são exemplo António Lamego, Rui Bandeira e Ricardo Sá Fernandes). Em tempos chegaram mesmo a existir maçons na direcção da Ordem dos Advogados. Diamantino Mar-

ques Lopes foi vice-bastonário e, anos antes, já Ângelo Almeida Ribeiro – ex-dirigente do GOL – havia liderado os advogados. O actual bastonário António Marinho e Pinto não é maçom, mas tem boas relações com a maçonaria, tendo recentemente participado em conferências da maçonaria regular.

O advogado Miguel Cardina, da Loja Affonso Domingues, diz "não esconder" que é maçom, embora remeta as questões sobre a obediência para o grão-mestre. Diz, no entanto, não existir solidariedades na advocacia, dando um exemplo: "Ainda recentemente perdi um cliente para outro advogado que também é maçom. Não me parece que exista aqui grande solidariedade."

Já António José Barreiros teve a particularidade de pertencer às duas obediências (GOL e GLLP), mas neste momento não pertence a nenhuma. Aliás, em entrevista ao semanário *Sol*, chegou a ser bastante crítico para com o GOL, dizendo que abandonou, na altura, a organização porque "começou a desenhar-se uma profusão, uma lógica ostensiva de tomada de poder (...), o que achei muito perigoso".

TRANSVERSAL

Dos sindicatos às IPSS

A UGT sempre esteve ligada ao GOL: primeiro Torres Couto e agora João Proença

Uma das características da maçonaria é ser transversal a toda a sociedade. A central inter-sindical UGT sempre esteve ligada ao GOL. E se o ex-secretário-geral Torres Couto foi expulso da organização por não pagar quotas, o actual líder da UGT é maçom na obediência. Ao DN, João Proença não quis falar sobre o assunto, uma postura idêntica à do ex-sindicalista Cipriano Justo.

Os maçons estão ainda presentes noutras áreas da sociedade, como no jornalismo. São várias as figuras nas redacções, como é o caso do ex-director do *Expresso*, mas há também profissionais da comunicação em cargos de assessoria, política e económica, no actual e nos anteriores governos.

No sector bancário, Carlos Santos Ferreira, presidente do BCP, tem ligações à maçonaria – participou em algumas conferências do GOL.

O grão-mestre da Grande Loja Legal de Portugal, José Moreno, garante que "há vários maçons no anonimato a dirigir IPSS (Instituições Privadas de Solidariedade Social)". E ainda em áreas onde permanecem em segredo.

AS RAÍZES DA MAÇONARIA

gi
grande investigação
DN

AMANHÃ

Os maçons na justiça

DEBATE

Segunda-feira, 17.00, Auditório do DN, Lisboa. E em www.dn.pt

Maldonado Gonelha
Ex-ministro do PS

José Miguel Boquinhas
Ex-secretário de Estado do PS

HPP SAÚDE

As ligações de maçons e ex-maçons na sociedade

Teia. Algumas associações 'civis' denunciam muitas vezes a sua filiação na maçonaria. Por muito que lhes chamem coincidência, há 'nós' factuais e muitas ligações

Entre maçons e ex-maçons, são várias as ligações nas mais diversas áreas da sociedade. Os "irmãos" ocupam cargos de destaque em vários sectores, em que sobressaem os mundos empresarial e político. E se caminhos profissionais idênticos podem significar apenas meras coincidências, já as ligações a associações "civis" denunciam algumas "irmandades".

Há obediências e lojas que estão fortemente ligadas a determinadas associações, como se pode verificar na infografia nestas páginas. A Associação Amizade Portugal/EUA, o Instituto Luso-Árabe para a Cooperação, o Observatório de Segurança, Criminalidade Organizada e Terrorismo e o Instituto Transatlântico Democrático são apenas alguns exemplos.

Destaque ainda para os maçons que tiveram um passado comum de pertença a importantes organismos públicos, como as secretas, em que se inclui o SIS (Serviço de Informações de Segurança) e o SIED (Serviço de Informações Estratégicas de Defesa). Rui Paulo Figueiredo – que ficou conhecido como o "espião" do caso das escutas em Belém –, Heitor Romana e Jorge Silva Carvalho (ultimamente muito falado pela sua saída das secretas para uma empresa privada, a Ongoing, onde terá usado informações do tempo de "espião") já ocuparam cargos. O mesmo acontece com José Almeida Ribeiro, ex-assessor de José Sócrates, que após sair do Governo voltou ao SIS, onde é quadro há 30 anos.

Nas lojas, a Mozart (n.º 49) e a Mercúrio (n.º 35) assumem-se como duas das mais importantes lojas da GLLP. Já a Universalis – que conta com cerca de 50 membros – e a Nunes de Almeida surgem como importantes lojas do GOL, não apenas pelo número de elementos mas pela influência dos seus membros.

GLLP/GLRP

LEGENDA

-  Grande Loja Legal de Portugal/GLRP
-  Grande Oriente Lusitano
-  Ex-maçom
-  Loja
-  Associação
-  Maçom
-  Ligação empresarial

